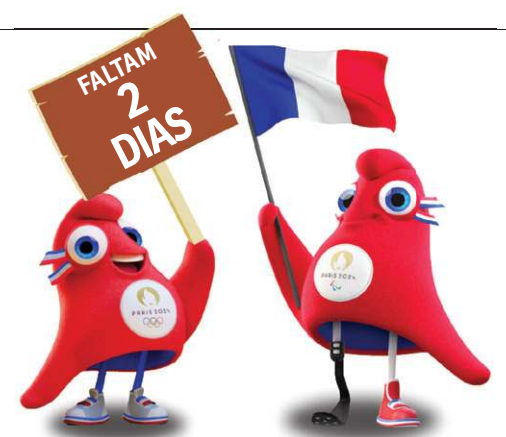


ESPORTES

correibraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176



Ale Cabral/CPB

História de Jéssica Vitorino com o golbol começou "por acaso" com um convite para completar time em Jogos Escolares, em 2009. Quinze anos depois, a moradora do Paranoá desembarca na Paralimpíada da França como um dos pilares da Seleção

ARTHUR RIBEIRO*

Referência no esporte parolímpico, o Brasil busca se estabilizar também como potência do golbol, uma das duas modalidades exclusivas do programa e não adaptadas. Para consolidar o objetivo, o foco é claro: subir no pódio com as mulheres. O sonho passa muito pelos gols e defesas da brasileira Jéssica Vitorino, destaque da Seleção. Moradora do Paranoá, a atleta de 31 anos é a protagonista do nono capítulo da série *Equipe Brasília*, especial do **Correio** sobre os personagens da capital nos Jogos de Paris-2024.

Antes de se tornar destaque do Brasil na modalidade, as primeiras interações de Jéssica com o esporte foram por acaso. Nascida com baixa visão devido a uma catarata hereditária, ela não tinha tanto contato com o paradesporto. Mas, em 2009, Brasília receberia as Paralimpíadas Escolares e faltavam atletas para representar o DF na competição. A três meses do início do torneio, vagas foram oferecidas para testes da natação ou do golbol, o escolhido pela jovem. "Eu me animei e fui conhecer. Já tinham duas meninas treinando, então fomos nós três para o escolar. Ganhamos o bronze e me animei muito. Foi a primeira vez que pude entrar em uma competição, é legal participar e ganhar uma medalha", relembra, em entrevista ao **Correio**.

Apesar da empolgação, Jéssica parou de treinar e voltou no ano seguinte. Participando de atividades com a equipe principal da Associação de Centro de Treinamento de Educação Física Especial (Cetefe), foi para o regional Centro-Norte, desfilou novamente nos Jogos Escolares e faturou o vice-campeonato. Apaixonada, pelo golbol, a brasileira começou a mirar mais alto e imaginava o dia em que representaria o Brasil na modalidade. "As meninas da Seleção foram

Nova recompensa do tempo

Jéssica Vitorino desembarcou na França otimista após a conquista da medalha de bronze no Parapan de Santiago, no ano passado



Équipe Brasília

para o Parapan de Guadalajara, em 2011, e eu tentei ter contato com elas. Foi uma experiência muito boa, lembro que, na época, a gente só sabia dos resultados pelo Twitter (atual X), porque a Confederação publicava como foi. Elas foram prata e achei aquilo tão legal que comecei a sonhar em querer ir", compartilha.

O sonho se tornou realidade em 2013, quando foi convocada pela primeira vez para a equipe

jovem do Brasil. Porém, prestes a completar 20 anos, não poderia participar do Mundial e jogou apenas duas fases. A nova oportunidade surgiu em 2015, quando, inclusive, jogou o Parapan de Toronto-2015 e foi medalhista de ouro. As conquistas viraram freio depois disso, com mais um título e um bronze em Parapan-Americanos (Lima-2019 e Santiago-2023), terceiro lugar no mundial (Malmo-2018), nos

Jogos da IBSA (2023) e primeiro lugar no Campeonato das Américas de 2022. Para completar o currículo, falta apenas subir ao pódio nas Paralimpíadas.

Fora do time nos Jogos do Rio-2016, Jéssica esteve na Seleção que terminou em quarto lugar em Tóquio-2020 e prevê um cenário diferente para Paris, conquistando a primeira medalha do golbol feminino brasileiro. "Estamos com uma grande possibilidade de estar no pódio. Hoje, o Brasil é a quarta força no ranking, mas os Estados Unidos, que estão em segundo, não vão para os Jogos. Somos uma das favoritas, entendemos que temos grandes chances. Nosso grupo é forte, mas estamos preparadas. Tenho



Reprodução/Instagram/@jessica_vitorino

» Como é jogado?

O golbol é um esporte desenvolvido exclusivamente para pessoas com deficiência visual. A quadra tem 9m de largura por 18m de comprimento, as mesmas dimensões da disputa de vôlei. As partidas são disputadas em dois tempos de 12 minutos, com três minutos de intervalo. Cada equipe tem seis jogadores à disposição, três titulares e reservas, todos vendados, independentemente do nível de perda visual. De cada lado da quadra, há um gol com 9m de largura e 1,30m de altura. Os atletas são arremessadores e defensores. O arremate deve ser rasteiro ou tocar pelo menos uma vez nas áreas obrigatórias. O objetivo é balançar a rede adversária. A bola, de 76cm de diâmetro e 1,25kg, tem um guizo para que os jogadores se atentem à direção dela. Durante a partida, não pode haver barulho no ginásio, exceto no momento entre o gol e o reinício do jogo e nas paradas oficiais.

certeza que dessa vez será diferente", projeta.

A vaga para o megaevento em solo francês, no entanto, foi quase uma surpresa. O golbol reduziu o número de países participantes de 10 para oito e o Brasil ficou de fora. Tudo mudou quando a competição do continente africano não teve o número mínimo de equipes e liberou uma vaga para a Seleção.

Especialidade da casa

O golbol é o esporte mais brasileiro da delegação do Brasil em Paris, a maior da história para um torneio fora do país, com 280 atletas. Além de Jéssica, o time feminino conta com Ana Gabriely, que nasceu na capital e se mudou ainda jovem para o Rio de Janeiro, e Katia Aparecida. Entre os homens, André Dantas tem o DNA de Brasília, assim como Leomon Moreno, amigo de longa data de Jéssica.

"Estudamos juntos quando crianças, mas nós nos conhecemos desde a barriga, porque nossas mães estiveram grávidas quase ao mesmo tempo. Fomos juntos para os Jogos Escolares, treinamos no mesmo clube e agora juntos novamente em Paris. Tomara que nós dois possamos sair daqui com medalha no peito", torce.

Jéssica tem outro sonho: ser professora. Formada em pedagogia, vive do esporte, mas tenta conciliar a rotina com os estudos para passar no concurso da Secretaria de Educação do DF. "Tentei outras vezes, mas a correria de ser atleta dificulta. Hoje, aos 31 anos, estou me dedicando para passar, esse é meu maior objetivo. Também quero fazer pós-graduação para me especializar", conta. A torcida por Jéssica começa nesta quinta-feira, às 5h30, contra a Turquia. O Brasil está na chave ao lado das turcas, de Israel e da China.

* Estagiário sob a supervisão de Victor Parrini

Giro esportivo

Simon Wohlfahrt/AFP



Fórmula 1

O britânico Lando Norris conquistou o GP da Holanda e pôs fim ao reinado de Max Verstappen no circuito. Vice-líder ontem, Verstappen havia vencido todas as provas de 2021 até 2023. Leclerc, completou o pódio.

Sergei Gapon/AFP



Atletismo

Campeão olímpico do salto com vara em Paris-2024, o sueco Armand Duplantis estabeleceu novo recorde mundial, ontem, ao saltar 6,26m durante a etapa de Chorzow, na Polônia, da Diamond League.

Reprodução/Instagram/@lucamarquesofc_



Ciclismo

Lucca Marques terminou em 22º no Elimination do Mundial Júnior de ciclismo de pista, à frente somente do chinês Zhengwang Zhang. No sábado, Lucca havia faturado a prata da prova de corrida por pontos.

Edu Santana/CPB



Casa Brasil em Paris

O Comitê Paralímpico do Brasil (CPB) inaugurará na quinta-feira, em Saint-Ouen, nos arredores de Paris, a Casa Brasil Paralímpico. O local funcionará como uma fan fest, com atrações abertas ao público.

Fivb/Divulgação



Vôlei de praia

Thâmela e Victoria conquistaram o bronze na etapa de Hamburgo, na Alemanha, do Elite16 de vôlei de praia. As brasileiras bateram as italianas Gottardi e Menegatti, por 2 sets a 0 (duplo 21/19).

Arquivo pessoal



Obitório

Ex-ponteira da Seleção Brasileira de vôlei, Maria Angélica Beraldo morreu aos 68 anos, em Campinas (SP), em decorrência de um adenocarcinoma pulmonar seguido por Acidente Vascular Cerebral.